

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIA COM O TEMA DAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

TEACHERS' EDUCATION: EXPERIENCE WITH HIGH SKILLS/GIFTED STUDENTS THEME

Roberto Carlos Machado³⁷

Helen Cristina Correia³⁸

Resumo: Este trabalho teve como objetivo refletir sobre a formação do professor que atua em sala de aula com alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação. A pesquisa, que se pauta numa abordagem qualitativa, contou com a participação de quinze professores dos anos iniciais aos anos finais do ensino fundamental. Ressalta-se a participação de professores de artes e educação física, os quais atuam com todos os alunos. O instrumento utilizado para investigação foi questionário semiestruturado, dando liberdade aos entrevistados de expressar livremente suas ideias e concepções sobre altas habilidades. O estudo tomou como referência a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano. A análise dos dados sinaliza que altas habilidades/superdotação é um tema pouco aprofundado na formação docente, e indica que as políticas públicas nessa área de conhecimento apresentam carência em investimentos na circulação de informações sobre altas habilidades, para que os professores possam refletir sobre suas práticas cotidianas na intervenção com esses alunos.

Palavras-chave: Educação especial. Altas habilidades/superdotação. Formação docente.

Abstract: This study aimed to reflect on the education of the teacher who works in the classroom with students who exhibit signs of high skills/giftedness. Having a qualitative approach this research included the participation of fifteen teachers, from the early years to the final years of primary school, emphasizing the participation of professors of Arts and physical education, which work with all students. The instrument used for investigation was semi-structured questionnaire, giving liberty to the respondents to freely express their ideas and conceptions about high skills. The study follows the cultural-historical perspective of the human development. The data analysis indicates that high skills/giftedness is a theme not sufficiently worked on teacher training and indicates that the public policy in this area of knowledge presents lack of investments in the circulation of information about high skills so teachers may reflect on their daily practices in the intervention with those students.

Keywords: Special education. High skills/giftedness. Teacher education.

³⁷ Aluno do curso de curso de Especialização Lato sensu em Atendimento Educacional Especializado na Perspectiva da Inclusão, promovido pela Universidade Federal do Espírito Santo em parceria com o Ministério da Educação. Professor da rede municipal de Cariacica. Email: robertocmachado@ig.com.br

³⁸ Professora Mestre do curso de Especialização Lato sensu em Atendimento Educacional Especializado na Perspectiva da Inclusão, promovido pela Universidade Federal do Espírito Santo em parceria com o Ministério da Educação, pedagoga da rede municipal de Vitória. Integra o Grupo de Estudos sobre Autismo, vinculado ao Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Especial da Ufes. Email: helen.correia@hotmail.com

Introdução

Este artigo é um recorte do trabalho de conclusão do curso de Especialização Lato Sensu em Atendimento Educacional Especializado na Perspectiva da Educação Inclusiva, promovido pela Universidade Federal do Espírito Santo em parceria com o Ministério da Educação, finalizado em março de 2016.

Neste trabalho temos como objetivo refletir sobre a formação do professor que atua em sala de aula com alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação.

Diferentes termos e teorias são utilizados para se referir aos alunos com altas habilidades/superdotação. Segundo Miranda (1998, p. 67),

há uma profusão de novos termos como redes neurais, inteligência artificial (Minsky), inteligências múltiplas (Gardner), ecologia cognitiva (Levy), inteligência emocional (Goleman), inteligência criadora (Marina).

Nesse trabalho adotamos o termo altas habilidades/superdotação por estar em consonância com os documentos oficiais e com a legislação que normatiza a educação especial. Ao nos referirmos ao sujeito público-alvo da educação especial, acrescentamos o termo “indício” antes do termo altas habilidades/superdotação. Isto porque indício é a provável existência de sinal, vestígio. Assim, o termo “indícios de altas habilidades/superdotação” é a terminologia que “[...] expressa mais claramente o nosso entendimento quanto à constituição do sujeito, aqui percebido como resultante da interação dos fatores biológicos com os processos sociais e culturais” (CRUZ, 2014, p. 16). Dessa forma, ao tratar desse tema, estamos nos referindo a sujeitos em formação, e, como tal, recebem influências da sociedade na qual estão inseridos por meio de sua história e de sua cultura.

O principal documento que ampara o sistema educacional brasileiro é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN 9394/96, e tem em seu Capítulo V a garantia do atendimento aos alunos público-alvo da educação especial. Sobre a formação dos profissionais, o art. 59 inciso III aponta que, para o atendimento especializado a esses alunos, os professores deverão ter especialização adequada e, para o ensino regular, os docentes necessitam ter capacitação para a inclusão desses alunos.

Apesar da atenção à formação continuada, seja especialização ou capacitação dos professores, ainda existem diversos pontos para reflexão sobre a maneira mais apropriada dessas formações. Os dados analisados apontam que existem ações formativas voltadas para a educação especial, principalmente para o atendimento às pessoas com deficiências e transtornos, mas muito pouco para altas habilidades/superdotação, apesar de a legislação e as políticas voltadas para o tema

preverem investimento também em cursos para atender a essa temática (BRASIL, 2008; 2009; 2011).

Diante do exposto, podemos considerar que a escola pode contribuir para o sucesso ou o fracasso desse aluno: o fracasso muitas vezes por falta de conhecimento sobre o tema, e o sucesso quando professores têm um mínimo de conhecimento sobre altas habilidades/superdotação, o que, por sua vez, pode proporcionar ações que estimulam sua capacidade e criatividade.

Formação do professor que atua com alunos que apresentam altas habilidades/superdotação

Para o atendimento a esse público, a legislação estabelece formações para a atuação na área da educação básica. Novas adequações legais foram se fazendo necessárias para garantir o direito ao atendimento a esses alunos. A LDB nº 9.394/96, no art. 58 em seu caput, traz o entendimento da educação especial como modalidade de educação escolar para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Ao lado da definição do público-alvo da educação especial, o art. 59 aborda os direitos que esses alunos têm assegurados pelos sistemas de ensino. Entre esses direitos, está a formação dos professores que atenderão a esses estudantes. O inciso III desse artigo traz a seguinte redação: “professores com **especialização adequada** em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como **professores do ensino regular capacitados** para a integração desses educandos nas classes comuns” (grifo nosso).

A Resolução CNE/CEB nº 4/2009 determina, no art. 12, que, “Para atuação no AEE, o professor deve ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e formação específica para a Educação Especial”. Destaca, ainda, no art. 13, as atribuições do professor para o Atendimento Educacional Especializado.

O município de Cariacica, acatando as orientações das normas legais do âmbito federal, por meio do Conselho Municipal de Educação de Cariacica, editou a Resolução nº 07/2011, que fixa normas para a educação básica no sistema municipal de ensino e trata da organização do ensino. O art. 106 determina que a Secretaria Municipal de Educação e as unidades de ensino proverão a organização de sua atividade educativa, garantindo nas classes comuns e na educação especial professores capacitados e especializados. Assim, o inciso VII da referida legislação aponta que a Secretaria de Educação e as escolas proverão a formação em serviço e a formação continuada dos profissionais.

Constatamos que a legislação traz orientações sobre a formação dos professores, aponta objetivos e relata as atribuições desses profissionais. Por outro lado, nesse contexto, algumas pesquisas vêm sendo desenvolvidas no campo educacional, abordando questões referentes a altas habilidades/superdotação na formação de professores, inicial ou continuada.

Freitas e Perez (2012, p. 7) nos dizem que

[...] é no entrelaçamento da educação geral, da educação especial e da proposta de educação para todos, nas suas dimensões relacionadas às políticas públicas, à formação de professores e às práticas pedagógicas, que se inicia a discussão em torno dos desafios, das possibilidades e das ações para que o processo de inclusão educacional da pessoa com necessidades educacionais especiais – altas habilidades/superdotação – seja implementado.

Nesse contexto, Barreto e Mettrau (2011) apontam para a importância de se pensar ou (re)pensar o currículo na formação de professores e apresentam sugestão para promoção dessas formações. De acordo com as autoras, quanto mais informação sobre o tema for difundida no ambiente escolar, maior será a contribuição para os debates em torno do público-alvo da educação especial, o que poderá beneficiar a todos os alunos.

Freeman e Guenther (2000) salientam que o trabalho com os alunos tem como base a ação do professor e o coloca como a pessoa chave, o mediador, no processo educacional.

Barreto e Oliveira (2000, p. 73) lembram que, para ser professor, é preciso estar em constante reformulação de teorias e práticas.

Faz-se necessário, assim, que o professor seja um eterno pesquisador, em constante reformulação de seus modos de pensar, ser e agir. O rompimento das barreiras étnicas, culturais e econômicas é de fundamental importância para o desenvolvimento e a propagação do saber, levando à mudança de determinados paradigmas que 'envidraçam' e 'atarracham' o professor.

Barreto e Oliveira (2000) apontam que, para atender a alunos público-alvo da educação especial, é necessário um profissional que esteja preparado para desafios, para o diferente, para a interação, para as diversas possibilidades no âmbito educacional.

Para Freeman e Guenther (2000, p. 147),

Não parece ser necessário que o professor de crianças bem-dotadas seja, ele mesmo, uma pessoa excepcionalmente capaz, mas é evidente que ele deve demonstrar e cultivar interesse por esse tipo de trabalho, alargar sua visão sobre a problemática da dotação e talento humano, esclarecer sua própria posição e valores em relação à área, e sobretudo aprender, estudar, adquirir o conhecimento necessário para melhor se

desincumbir de sua tarefa.

Pela literatura, percebemos que orientações/recomendações para que os professores tenham formação continuada constituem um acervo significativo tanto no aspecto legal quanto nas pesquisas científicas, mas onde buscar formação que orienta o trabalho com alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação?

Com as dificuldades apresentadas quanto à formação de professores para essa área da educação especial, a Secretaria de Educação Especial do MEC iniciou a criação de Núcleos de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) em todos os estados do Brasil, a partir de 2006.

Anjos (2011) diz que a criação desses núcleos foi para reduzir os entraves no que dizem respeito à educação de alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação, incentivar a formação de profissionais e estimular o desenvolvimento de programas que iriam atender àqueles que necessitavam desse apoio (BRASIL, 2006).

Concepções teóricas sobre altas habilidades/superdotação

Em diferentes contextos históricos e culturais, constatamos a presença de sujeitos com potencial acima da média. Via de regra são as pessoas que desempenham atividades importantes no seu grupo social, pensando em resultados para o bem coletivo.

Tendo como referência os estudos da abordagem histórico-cultural, entendemos que o desenvolvimento social, psicológico e biológico do homem resulta de sua interação com a sociedade na qual está inserido, possibilitando seu crescimento como sujeito histórico e cultural, ou seja, como produto dessa cultura e, ao mesmo tempo, como produtor. Nesse sentido, à luz do pensamento de Vygotsky, Oliveira (1999, p. 78) afirma que

[...] a inserção do indivíduo num determinado ambiente cultural é parte essencial de sua própria constituição enquanto pessoa. É impossível pensar o ser humano privado do contato com um grupo cultural, que lhe fornecerá os instrumentos e signos que possibilitarão o desenvolvimento das atividades psicológicas mediadas, tipicamente humanas.

A partir disso, consideramos ser possível inferir que as altas habilidades dependerão, em grande parte, dos estímulos que crianças e jovens receberem do meio em que vivem.

Nessa parte do texto, apontaremos alguns conceitos de altas habilidades/superdotação. Primeiro será abordado o conceito que consta na legislação e em seguida conceitos desenvolvidos por alguns teóricos.

O MEC, por meio das Políticas Nacionais para a Educação Especial (BRASIL, 2008), destaca que os alunos com altas habilidades/superdotação são aqueles que

[...] demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, MEC, 2008).

Com a mesma linha reflexiva, a Resolução nº 4 de 2009 define alunos com altas habilidades/superdotação:

[...] aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade.

Quanto ao campo teórico, a literatura traz diversos conceitos sobre altas habilidades/superdotação.

Renzulli (2004), ao fazer uma retrospectiva de vinte e cinco anos de seu trabalho desenvolvido com alunos que apresentam altas habilidades/superdotação, o qual está relacionado à identificação e aos modelos de enriquecimento, aponta três características para identificar um aluno com altas habilidades/superdotado. Esse sujeito precisa ter capacidade acadêmica acima da média, se envolver de forma intensa com o trabalho ou estudo a ser realizado e grande potencial criativo; porém essas características não necessariamente precisam estar presentes ao mesmo tempo. Ele aponta que a capacidade acadêmica deve sempre se manter em níveis acima da média de forma contínua, já o envolvimento com o trabalho a ser realizado e o grande potencial criativo não se farão presentes ao mesmo tempo. Dessa forma, a capacidade acadêmica está em alguns momentos em sintonia com a capacidade criativa ou com o envolvimento com o trabalho, e também sintoniza os três ao mesmo tempo.

Guenther (2006) trabalha com o conceito de altas habilidades/superdotação utilizando termos como capacidade elevada, talento e dotação para caracterizar esses sujeitos. De acordo com a autora,

Capacidade é a característica que torna possível o desempenho de alta qualidade, nos diversos setores, vias e avenidas de atividade humana, propiciando alcançar sucesso. Embora a conceituação de capacidade não seja simples, talento em si é facilmente reconhecível no contexto das interações entre as pessoas, e delas com o mundo, mesmo em dimensão de tempo relativamente pequena (GUENTHER, 2006, p. 21).

Ainda segundo Guenther (2006, p. 21), a palavra talento

[...] é às vezes associada ao desempenho superior em artes, tais como

pintura, teatro, música, escultura, mas o conceito de talento como capacidade elevada abrange todas as áreas de atributos e características humanas admiradas e valorizadas pela cultura e pelo momento histórico em que a pessoa vive, ou viveu. Talento como capacidade elevada é uma abstração ancorada nos valores vigentes em cada momento, dentro de um referencial relacionado ao que a cultura valoriza e aprecia.

Já Gardner (1995), por meio da teoria das inteligências múltiplas, quebra o paradigma do modelo tradicional de conceber a inteligência humana como algo mensurável. Ele questiona a concepção de que a capacidade do homem pode ser mensurada por testes.

Em suas pesquisas, Gardner desenvolveu a teoria das inteligências múltiplas, que tem como características “as sete inteligências”, que são a inteligência musical, corporal-cinestésica, lógico-matemática, linguística, espacial, interpessoal e intrapessoal.

A teoria das inteligências múltiplas trouxe uma abordagem sobre a forma de como essas inteligências se manifestam, podendo ser isoladas, ou não, e mostra que o fato de não ter desenvolvido estudos acadêmicos não faz o indivíduo ser menos inteligente.

Para Winner (1998), os indivíduos superdotados apresentam três características. São elas: a precocidade, em que a criança inicia o domínio de alguma área de conhecimento em idade anterior à média; uma insistência em fazer as coisas a seu modo; além de aprender mais rápido, o aprendizado é qualitativo e autônomo, pois “[...] elas precisam de ajuda ou ‘empurrões’ mínimos de adultos para dominar sua área” (WINNER, 1998, p. 12). A autora destaca ainda que em boa parte do tempo as crianças ensinam a si mesmas, e há um desejo imenso de dominar. Nessa característica, as crianças exibem um interesse intenso e obsessivo, uma habilidade de focalizar agudamente, o que veio a ser chamado de uma “fúria de aprendizagem”.

Freeman e Guenther (2000, p. 23), ao abordarem o conceito de pessoas superdotadas, apontam:

São aquelas que demonstram níveis de desempenho excepcionalmente altos, seja numa amplitude de realizações, ou em uma área delimitada, e aqueles cujo potencial para alcançar excelência não foi reconhecido por testes ou por autoridades educacionais.

Diante dos conceitos apresentados, adotamos como princípio norteador deste trabalho o conceito do MEC. Ao tratar do tema altas habilidades/superdotação, e ao referir aos alunos, utilizamos o termo indício de altas habilidades/superdotados, por estar tratando de sujeitos em formação dentro de um contexto social, cultural e histórico. Esse contexto fornece pistas sobre a formação desse sujeito para além da escola, as quais podem proporcionar uma expectativa de melhor atendimento.

Metodologia do estudo

Conforme já foi mencionado, o presente trabalho teve como objetivo refletir sobre a formação do professor que atua em sala de aula com alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação.

Essa investigação tem caráter qualitativo e constitui-se em um estudo exploratório (GIL, 2008; RAMPAZZO, 2009) de maneira a buscar, junto com os professores, informações sobre sua formação inicial e continuada para a prática pedagógica com os sujeitos que apresentam altas habilidades/superdotação.

A pesquisa foi realizada em uma escola de ensino fundamental do município de Cariacica com professores que atuam no ensino fundamental de nove anos, envolvendo docentes que trabalham com turmas dos anos iniciais e também professores por área dos anos finais do processo de escolarização.

Para a coleta de dados foram feitas entrevistas semiestruturadas, realizadas na própria escola dos participantes, conforme a disponibilidade de cada um. Foram convidados todos os professores que atuam nos turnos matutino e vespertino. Houve a participação voluntária de quinze docentes, sendo cinco que atuam nos anos iniciais e dez que trabalham por área, principalmente nos anos finais do ensino fundamental, incluindo nesse grupo os professores de artes e educação física, que atuam com alunos de todos os anos do ensino fundamental.

A pesquisa envolveu um total de quinze professores, com idade entre trinta e sessenta e dois anos, perfazendo a média simples em torno dos quarenta e dois anos de idade.

As informações apresentadas apontam que o grupo de professores, em sua maioria, possui especialização em alguma área da educação, sendo que do grupo pesquisado apenas uma professora não declarou ter curso de pós-graduação. Dessa forma, o percentual de professores especialistas supera a casa de noventa por cento, e, ao analisar os profissionais com especialização no que se refere à educação inclusiva e educação especial, esse índice fica em torno de trinta e três por cento.

Para organizar e analisar os dados coletados na pesquisa elegemos eixos de trabalho. Para este artigo nos deteremos nas questões que se relacionam com a formação inicial e continuada dos docentes, bem como características que o professor deve ter para atuar com alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação.

Na análise de dados, procuramos estabelecer diálogo entre a fala dos professores e os referenciais utilizados, com o propósito de alcançar os objetivos deste trabalho.

Acerca da identidade dos participantes da pesquisa, é importante esclarecer que

os professores serão identificados por algarismos sequenciais de um a quinze, precedido do termo docente.

Assim, são analisadas as questões relacionadas ao tema altas habilidades/superdotação na formação inicial e continuada dos professores.

Experiências com o tema altas habilidades/superdotação na formação dos professores

Ao serem questionados se em suas formações houve abordagens sobre educação especial e se tiveram algum tema relacionado a altas habilidades/superdotação, a grande maioria dos professores respondeu que o tema educação especial esteve presente na formação, se não foi na inicial, foi na continuada, por meio de especialização, cursos de extensão, cursos avulsos ou ofertados pela própria Secretaria de Educação. Em torno de cinquenta por cento responderam que em suas formações não houve trabalhos envolvendo AH/SD, e quando houve, de acordo com os relatos, foram apenas citados ou mencionado de forma superficial. Somente uma professora sinalizou que em um curso de especialização em educação especial o tema foi abordado.

De acordo com as informações fornecidas pelo grupo de professores, a maioria possui curso de pedagogia. Mas, pergunta-se, e as outras licenciaturas? Pelos dados apresentados, os professores de áreas específicas são os que menos tiveram aproximação com o tema educação especial em suas formações iniciais.

Nesse contexto, os professores reconhecem que a formação docente não se situa apenas na graduação, mas durante toda a vida laboral. Consideram que, para atuar com alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação, é necessário conhecimento sobre esse campo da educação especial, seja a nível de capacitação ou especialização.

A contribuição do Docente 2 aponta: “O docente deve ter interesse em conhecer e aprender ‘o novo’. Estar disposto a adquirir informações e conhecimentos que venham melhorar sua atuação”.

O Docente 2 ainda afirma que

O professor deve estar sempre se formando, sempre se atualizando, independente de qualquer coisa. Se houver cursos especializados na área, é importante o docente tomar conhecimento e usufruir de tais informações.

Considerando o que determina a Resolução nº 1/2006, no que se refere à formação de professores do curso de pedagogia, Artigo 4º, inciso X os orienta a ter consciência da diversidade, do respeito às diferenças ambiental, étnico-racial, de gêneros, classes sociais, religiões, etc.; sinaliza que o professor precisa se conscientizar

que os alunos formam um grupo heterogêneo, ao qual atende, e aponta a necessidade de estar sempre se atualizando.

Nesse sentido, pensar sobre a heterogeneidade que existe em uma sala de aula nos remete à necessidade de formação continuada nas diversas áreas de conhecimento; por isso é importante a circulação de informações em todos os espaços educacionais que levem os profissionais a refletirem sobre suas práticas.

Diante do grupo heterogêneo na sala de aula e na perspectiva de pensar a diversidade no desenvolvimento do aluno e sua formação, o Docente 14 faz a seguinte afirmação:

Considero importante que este profissional receba treinamento nesta área para poder criar situações adequadas de estímulo às altas habilidades do aluno. Um alguém que não saiba lidar com isso não saberá como direcionar, promover o desenvolvimento e o entendimento da criança em questão.

O posicionamento do Docente 8 aponta que, para ele, não é necessária uma formação específica, “mas um estudo mais aprofundado que ajude o professor a lidar com essa realidade”.

Freeman e Guenther (2000), ao abordar a função do professor, indicam que todo o trabalho educacional tem como base a ação do professor que atua direto com o aluno, e para o aluno com indícios de altas habilidades/superdotação não é exceção.

Dessa forma, o professor é colocado como o principal mediador das ações educacionais no contexto escolar, em um processo social e histórico, com o objetivo de alcançar níveis de excelência no desenvolvimento dos alunos.

O processo de mediação social, na perspectiva histórico-cultural, ocorre entre o homem e o mundo (objetos) e com outros homens na sociedade. Na escola, essa mediação assume um caráter intencional, quando visa ao desenvolvimento do educando. A partir de uma ação intencional, o professor medeia a relação entre o aluno e o conhecimento. Ao discorrer sobre o desenvolvimento e o aprendizado, Vygotsky (2007) refere-se à zona de desenvolvimento proximal e distingue dois níveis de desenvolvimento: o desenvolvimento real, caracterizado por processos já estabelecidos e o potencial, caracterizado por processos em formação, que podem ser ativados a partir do auxílio do professor ou de outra criança.

Assim, na escola o professor se torna o principal mediador do desenvolvimento das potencialidades do aluno. Da mesma forma, Colaço et. al (2007, p. 54) afirmam:

No ambiente escolar, situações didáticas que favorecem o intercâmbio entre as crianças e estas com o professor são ricos espaços de discussão que geram uma contínua construção de mediadores semióticos envolvidos na realização de tarefas. Tanto professores como alunos participam desse processo, criando estratégias que melhor viabilizam a resolução de problemas. Isto implica situações de aprendizagens para ambos.

Nesse sentido, buscamos, junto com os professores que participaram da pesquisa, compreender quais características deve ter o professor para atuar com alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação.

Na opinião do Docente 15, no processo de mediação com os alunos, o professor não deve se considerar o detentor do saber.

É necessário que ele esteja mais flexível na sua prática, às vezes os conteúdos tomam rumos diferenciados pela influência desses discentes em sala de aula. O professor precisa entender que esse aluno também poderá ser um motivador em sala de aula, o que o aproximará do grupo. Esse profissional necessita estar em constante atitude de pesquisa junto com esse aluno, ele será o motivador ou quem pode 'matar' essa habilidade.

Entre outros aspectos, os professores apontaram como características desse profissional: ser paciente, proativo, tranquilo, encorajador, articulador, dinamizador, observador, criativo, olhar sensível, que goste de desafios, que se atualize sempre, que estude continuamente.

Para refletir sobre as características do docente que se propõe a trabalhar com alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação, Oliveira e Barreto (2000) sinalizam que é fundamental o professor estar preparado para enfrentar desafios, vivenciar situações difíceis e ser um facilitador para esses alunos.

Também foi indagado aos sujeitos da pesquisa, se, para atuar junto a alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação, o professor também deve ter altas habilidades/superdotação. Do grupo pesquisado, quatorze profissionais responderam que o professor não precisa ter altas habilidades/superdotação, porém, precisa ter determinada postura e atitude quanto ao trabalho a ser desenvolvido com o aluno, o que irá proporcionar seu melhor desenvolvimento.

Nesse sentido, o Docente 2 diz que *“O docente deve ter interesse em conhecer e aprender ‘o novo’. Estar disposto a adquirir informações, conhecimentos que venham melhorar sua atuação”*.

Para o Docente 6, o professor *“precisa apenas de entender a necessidade que o aluno precisa para se desenvolver, como por exemplo dar os estímulos adequados”*.

O Docente 15, ao abordar sobre sua prática em sala de aula, afirma que

O educador precisa respeitar essa necessidade do educando e suprir essas necessidades. Já estive nesse lugar de ter um aluno assim e é difícil para conduzir o processo. É necessária muita dedicação e busca pelo conhecimento.

Nesse sentido, de acordo com Freire (2006, p. 29), ensinar exige pesquisa.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho,

intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Freire (2006) nos instiga a refletir sobre nossa prática, nossa formação e sobretudo se somos professores pesquisadores, pois é por meio da pesquisa, que é um processo inerente ao docente, que será possível alcançar níveis de excelência na prática de ensinar e aprender.

Considerações finais

A proposta de investigar experiências sobre o tema altas habilidades/superdotação que os professores vivenciaram ou vivenciam em suas formações (inicial ou continuada), bem como que características o docente deve ter para trabalhar com esse aluno, deve-se à inquietação em observar no cotidiano escolar posicionamentos pouco nítidos sobre conceitos de altas habilidades, e, por outro lado, de haver pouca ou nenhuma referência teórica sobre AH/SD nesse espaço. Nesse contexto, o que se faz para o desenvolvimento desses alunos ainda é pouco.

Os professores trouxeram contribuições significativas que permitem inferir sobre o que eles já conhecem sobre o tema e o que ainda se faz necessário investigar. Todos os pesquisados de alguma forma já têm algum conhecimento sobre altas habilidades/superdotação, mesmo que seja de “ouvir dizer”.

Ao pensar sobre que tipo de aluno é esse, que características ele tem, como encontrar esse aluno, qual ou quais instrumentos utilizar para identificá-lo, qual a proposta pedagógica para suprir suas necessidades, as respostas a esses questionamentos deveriam vir na formação dos professores, seja inicial ou continuada. Porém, o que se detectou na pesquisa foi a presença de informações às quais a maioria teve acesso por meio de palestras, cursos livres e, em alguns casos, especialização em educação especial, mas sem aprofundar no tema.

Quando se faz referência a alunos com altas habilidades, percebe-se que as instituições trabalham “ainda” pensando no aluno padrão, ou seja, na média, por meio das probabilidades citadas por Guenther (2006). Nessa média, encontramos o grupo mais homogêneo, porém, a escola é um espaço de tensões e de desafios a cada momento.

Nesse sentido, Jesus e Vieira (2011) apontam as dificuldades encontradas nas instituições que trabalham com a perspectiva do aluno padrão, em contextos heterogêneos, onde os alunos possuem ritmos diferenciados de aprendizagem. Para trabalhar nesse contexto heterogêneo se fazem necessárias posturas reflexivas e críticas dos professores. Para Jesus e Vieira (2011),

Cabe valorizar perspectivas de formação que promovam a preparação

de professores críticos e reflexivos, que também assumam a responsabilidade de seu desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação de políticas educativas capazes de garantir a qualidade do ensino ministrado nas escolas públicas de Educação Básica (p. 146).

Os autores nos colocam em momentos de reflexão que instigam a sair da “zona de conforto”, quebrar paradigmas e ser ator ativo nas ações que perpassam o trabalho docente. Para sair dessa “zona de conforto”, devemos buscar, por meio do diálogo, proporcionar a circulação de informações. De acordo com Barreto e Mettrau (2011), as informações sobre altas habilidades não devem ser apenas voltadas para conceitos e características, mas direcionar-se para o processo ensino-aprendizagem, por meio de planejamentos que atendam aos alunos com indícios de altas habilidades/superdotação em suas especificidades.

Diante do exposto, é possível concluir que este tema precisa ser foco de maiores discussões no espaço escolar e nos ambientes de formação docente, pois a carência de circulação de informações contribui para a perpetuação de mitos sobre esses alunos e práticas educativas inadequadas.

Referências

ANJOS, I. R. S. **Dotação e talento: concepções reveladas em dissertações e teses no Brasil**. 2011. 190 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos. 2011.

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. **Um Pouco da História do Movimento das APAES**. Disponível em: <http://www.apaebrasil.org.br/arquivo/12468>. Acesso em: 20 dez. 2015.

BARRETO, C. M. P. F.; METTRAU, M. B. Altas Habilidades: Uma Questão Escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília. V. 17. n. 3. p. 413-426, Set-Dez, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v17n3/v17n3a05.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2015.

BARRETO, C. M. P. F.; OLIVEIRA, R. G. Os Portadores de Altas Habilidades: A importância do Professor. In: METTRAU, M. B. (Org.). **Inteligência: patrimônio social**. Rio de Janeiro: Dunya, 2000. p. 67-75.

BRASIL. CNE. CEB. **Resolução nº 02, de 11 de setembro de 2001**. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2014.

_____. CNE. CEB. **Resolução nº 04, de 02 de outubro de 2009**. Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica – Modalidade Educação Especial. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 29 dez. 2014.

_____. **Decreto nº 6.751, de 17 de março de 2008**. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art.60 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto n. 6.253, de 13 de novembro de 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12507&Itemid=826. Acesso em: 01 ago. 2015.

_____. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 15 out. 2015.

_____. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm. Acesso em: 25 set. 2015.

_____. Lei **9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Acesso em: 28 nov. 2015.

_____. MEC/SEESP. **Nota Técnica nº11 de 2010**. Dispõe sobre Orientações para a institucionalização da oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE em Salas de Recursos Multifuncionais, implantadas em escolas regulares. Disponível em: www.mec.gov.br/seesp. Acesso em: 10 jul. 2015.

_____. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília. 2008. Disponível em: www.mec.gov.br/seesp. Acesso em: 19 nov. 2015.

_____. MEC. Secretaria de Educação Especial. **Orientações de implementação de núcleos de atividades de altas habilidades/superdotação – NAAH/S**. Brasília, DF: MEC/SEESP. 2005.

CARIACICA. Conselho Municipal de Educação de Cariacica – COMEC. **Res. 07/2011 publicada em 12/01/2012**. Fixa normas para a Educação Básica no Sistema Municipal de Educação do Município de Cariacica.

COLAÇO, V. F. R. et. al. Estratégias de mediação em situação de interação entre

crianças em sala de aula. **Estudos de Psicologia**, 2007, 12(1), 47-56. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n1/a06v12n1>. Acesso em: 05 jan. 2016.

COSTA, M. T. **A invisibilidade do aluno superdotado: percepção de uma realidade e um caminho a percorrer**. 2008. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura do Centro de Ciências da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. 2008.

CRUZ, C. **A Construção de Práticas de Atendimento do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação no Espírito Santo: Alinhavando Escritos e Escutas**. 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

_____. **Serão as Altas Habilidades/Superdotação Invisíveis?** 2014. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.

FREEMAN, J.; GUENTHER, Z. C. **Educando os mais capazes, ideias e ações comprovadas**. São Paulo: EPU, 2000. 186 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 148 p.

FREITAS, S. N.; PÉREZ, S. G. P. B. **Altas habilidades/superdotação, atendimento especializado**. 2. ed. Marília, SP: ABPEE, 2012. 140 p.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 356 p.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008, 196 p.

GUENTHER, Z. C. **Caminhos para Desenvolver o Potencial e Talento**. Lavras. Ed. UFLA. 2011. 220 p.

_____. **Crianças dotadas e talentosas... Não as deixem esperar mais!** Rio de Janeiro: LTC, 2012. 117 p.

_____. **Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 184 p.

JESUS, D. M.; VIEIRA, A. B. Formação de profissionais da educação e inclusão escolar: conexões possíveis. In: MAGALHÃES, R. de C. B. P. (Org.). **Educação inclusiva: escolarização, política e formação docente**. Brasília: Liber Livro, 2011. p 135-156.

LANDAU, E. **A Coragem de Ser Superdotado**. São Paulo: Arte e Ciências, 2002. 224 p.

LANNA JÚNIOR, M. C. M. (Comp.). **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. 443 p. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/Hist%C3%B3ria%20do%20Movimento%20Pol%C3%ADtico%20das%20Pessoas%20com%20Defici%C3%Aancia%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2015.

MEIREU, P. **Carta a um jovem professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 93 p.

MIRANDA, M. G. Inteligência e contemporaneidade. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, n. 4, ago./dez. 1998. Disponível em: <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/1526/1178>. Acesso em: 22 nov. 2015.

MUNCINELLI A. D. **Ordenamento Jurídico e Superdotação/Altas Habilidades**. Tuiuti: Ciência e Cultura, n. 48, p. 257-278, Curitiba, 2014. Disponível em: http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/ciclo_4/tcc_48_hist_da_ccao/pdf_48/art_17.pdf. Acesso em: 05 nov. 2015.

NOVAES, M. H. **Desenvolvimento psicológico do superdotado**. São Paulo: ATLAS, 1979. 176 p.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2006. 111 p.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 146 p.

RENZULLI, J. S. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Educação**, Porto Alegre, v. 27, n. 1(52), p. 75-131, abr. 2004. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=84805205>. Acesso em: 23 jun. 2012.

ROMERO, R. A. S.; SOUZA, S. B. **Educação inclusiva**: alguns marcos históricos que produziram a educação atual. São Paulo: Brasil, 2008. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/447_408.pdf. Acesso em: 21 out. 2015.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 562 p.

_____. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIRGOLIM, Â. M. R. Altas habilidade/superdotação: encorajando potenciais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 70 p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2015.

WINNER, E. **Crianças Superdotadas, mitos e realidade**. Porto Alegre: Artmed, 1998. 290 p.